

# ARGENTINA PARA BRASILEIROS

Armas

Amostra

**Fabio Giambiagi**

Autor de *A vingança de Tocqueville*

# ARGENTINA PARA BRASILEIROS

Quais as razões do  
fracasso de um país que  
tinha tudo para brilhar?

*Un país de película*

Prefácio: **Carlos Pagni**, colunista de *La Nación*



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2026

# Argentina Para Brasileiros

Copyright © 2026 STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Copyright © 2026 Fabio Giambiagi

ISBN: 978-85-508-2994-4

Alta Cult é um selo do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA.).

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G437a  
Giambiagi, Fabio  
  
Argentina para brasileiros: *Un país de película*  
/ Fabio Giambiagi; prefácio de Carlos Pagni. - 1. ed. -  
Rio de Janeiro: Alta Cult, 2026.  
360 p.; 15,7 x 23 cm.

Inclui referências.  
ISBN 978-85-508-2994-4

1. Economia - Argentina. 2. História econômica -  
Argentina. 3. Política econômica - Argentina. I. Pagni,  
Carlos. II. Título.

CDD 330.982

### Índice para catálogo sistemático:

1. Economia da Argentina 330.982

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

**Marcas Registradas:** Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

**Material de apoio e erratas:** Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site [www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

**Suporte Técnico:** A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

**Produção Editorial:** Grupo Editorial Alta Books

**Diretor Editorial:** Anderson Vieira

**Editor da Obra:** J. A. Ruggeri

**Vendas Governamentais:** Cristiane Mutüs

**Produtora Editorial:** Rita Motta



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

[www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) – [altabooks@altabooks.com.br](mailto:altabooks@altabooks.com.br)

**Ouidoria:** [ouvidoria@altabooks.com.br](mailto:ouvidoria@altabooks.com.br)

Editora  
afiliada à:



**albr**  
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE  
DIREITOS REPROGRÁFICOS

ASSOCIADO



Amostra

*Para **Mario Giambiagi** e **Myriam Giambiagi**, sem os quais este livro não poderia ter sido escrito.*

Amostra

*“O argentino é um indivíduo, não um cidadão.”*

(JORGE LUIS BORGES)

*“Ser argentino é uma fatalidade.”*

(JORGE LUIS BORGES)

*“Senti uma veneração infinita, uma pena infinita.”*

(JORGE LUIS BORGES, *EL ALEPH*, 1949)

Amostra

# SUMÁRIO

Prefácio	1
Apresentação	5
<b>1. UMA CONVERSA EM RECIFE</b>	<b>15</b>
A história em um gráfico	17
Uma conversa em Recife	20
O " <i>rodrigazo</i> "	22
Um país (de) frustrado(s)	24
A produção de caos	27
Uma tragédia em <i>slow motion</i>	28
<b>2. UM POUCO DE HISTÓRIA</b>	<b>33</b>
" <i>Urquiza era radical?</i> "	35
Os conflitos federativos	37
Civilização ou barbárie	39
Raízes profundas: a " <i>Semana Trágica</i> "	42
Oligarcas, entreguistas	43
Felizes sem saber	45
A entropia golpista	47
Gramsci e o velho	49
<b>3. O PERONISMO, ESSE FATO MALDITO</b>	<b>51</b>
O GOU	53
" <i>Perón la vio</i> "	55
A importância do carisma	57
O 17 de Outubro	59
" <i>Braden o Perón</i> "	62
Evita e a construção do mito	63
O culto à personalidade	65
A ideologia peronista	67

O vento a favor e ação do tempo	70
Epílogo	72
<b>4. UM PAÍS DE MENTIRA</b>	<b>75</b>
Os fatos	78
O "gorilismo", essa frente ampla	80
A intenção e a realidade	81
<i>"El gran titiritero"</i>	83
<i>New kids on the block: o "peronismo revolucionário"</i>	84
O grande camaleão	86
Os "50 tons de cinza" de Aramburu	87
Allende em Buenos Aires	89
<b>5. EZEIZA, UM DIVISOR DE ÁGUAS</b>	<b>93</b>
Um país necrofilico	96
Sebastianismo argentino	98
Ezeiza	99
<i>"El que no salta es un gorila"</i>	102
<i>"Si Evita viviera sería Montonera"</i>	103
A praça dos imberbes	104
<b>6. O SEGUNDO PERONISMO: UM COQUETEL EXPLOSIVO</b>	<b>109</b>
Perón dá um golpe de Estado	111
O 11 de setembro de 1973	113
Um senhor idoso	115
Um dia simbólico	116
A tríplice A, a guerrilha e o vazio de Poder	118
Da inflação zero à hiperinflação	121
O misticismo, a peça que faltava	123
<i>"No va mas"</i>	126
<b>7. A LONGA NOITE</b>	<b>129</b>
O desespero pela ordem	131
Uma suposta institucionalidade	133
O guarda da esquina	134
Um "quase Rubens Paiva"	135
Um corpo estendido no mar	138
O administrador da morte	139
<i>"Por qué no viene mas?"</i>	141
A nuvem de silêncio e o luto não vivido	143
O horror, o horror: "Quem, onde, como?"	144
Malvinas: a loucura	145
Fracasso total	147
<b>8. ALFONSÍN: CRÔNICA DE UM FRACASSO ANUNCIADO</b>	<b>151</b>
A reflexão de Juan Carlos Torre	153
<i>"Como es eso?"</i>	156

Alfonsín e o peso da História	157
Bernardo Grinspun e o pecado da amizade	160
Sourrouille: quando o buraco é mais em cima	162
E chega a hiper	164
A UCR e a psicanálise	168
<b>9. OS ANOS 90: O QUE PODERIA TER SIDO E NÃO FOI</b>	<b>171</b>
Carlos Menem, um animal político	173
Conversibilidade: os passos prévios	175
" <i>Estamos mal, pero vamos bien</i> "	177
" <i>Pizza con champagne</i> "	178
As reformas	180
O <i>currency board</i> e seus requisitos	183
Um final esquizofrênico	186
O interregno De la Rúa	187
" <i>Que se vayan todos</i> "	189
Duhalde: A ave Fênix, outra vez	191
<b>10. BONNIE &amp; CLYDE: OS ANOS K</b>	<b>193</b>
Os milagres da "pesificação assimétrica"	196
O <i>boom</i> das <i>commodities</i>	199
A soja é peronista	201
A apropriação da bandeira dos direitos humanos	205
Groucho Marx em Santa Cruz	206
A república dos pinguins	208
O aluvião zoológico, outra vez	210
" <i>Vamos por todo</i> "	212
A dinastia frustrada	215
Rumo à Coreia do Norte	217
<b>11. MACRI E O DESACORDO COM OS RUSSOS</b>	<b>219</b>
O fantasma do helicóptero	221
Um longínquo 1928	223
Um Governo fraco	225
Crenças e fatos	227
Maquiavel ao contrário	228
" <i>The time is over</i> "	230
" <i>Hi, Donald</i> "	232
Era uma vez o futuro	234
As PASO e a travessia do inferno	236
Uma derrota honrosa	238
Um novo fracasso	240
<b>12. FERNÁNDEZ: UM GOVERNO INCONCEBÍVEL</b>	<b>243</b>
Vencer x governar	244
Um regime vice-presidencialista	246

Conquistar a Justiça	247
Os "funcionários que não funcionam"	250
A caneta ainda vale	252
O precursor de Haddad	253
E chega a pandemia	255
Uma mudança psicossocial	258
A foto fatídica	260
A inacreditável Silvina Batakis	261
Massa, o "faz tudo"	263
Um <i>boludo</i>	266
<b>13. TERRA ARRASADA</b>	<b>269</b>
<i>Cambalache</i>	271
A violência, sempre ela	274
As " <i>qualis</i> ": um país no divã	276
" <i>En el mismo lodo</i> "	277
Números que berram	278
O país que (quase) ninguém viu	280
A "demanda por <i>outsiders</i> "	282
Surge Milei	284
<b>14. E AGORA, JAVIER?</b>	<b>287</b>
O desafio político de Milei em dezembro de 2023	289
As primeiras medidas	291
Ortodoxia " <i>à la carte</i> "	292
O ajuste fiscal	296
A queda da inflação	298
A recessão de 2023–2024	300
O setor externo	303
O câmbio, sempre ele	305
O FMI, a tudo ou nada	307
O "lado escuro da Lua"	312
Austrália ou Peru?	316
Esta vez será diferente?	318
O país das maiorias de 70%: uma utopia?	320
Desenvolvimento? Como?	323
¿ <i>Qué pasó?</i>	325
O eterno retorno	330
¿ <i>Y ahora?</i>	334
" <i>Vecinos para siempre</i> "	339
Irmãos xipófagos	341
Referências	345

## PREFÁCIO

O LIVRO QUE O LEITOR tem em mãos é uma experiência bem-sucedida. Poderia não ter sido. Fabio Giambiagi empreendeu a aventura (um verdadeiro desafio) de escrever nada menos que a história de um país. E que país! A Argentina. É um empreendimento de enorme dificuldade técnica, referente a um objeto que, por sua dimensão, pode ser impossível de abranger. Giambiagi, um escritor experiente, dribla essa dificuldade com grande perícia e oferece um retrato harmonioso, no qual a síntese não sacrifica em nada a complexidade do fenômeno.

O autor tem uma vantagem: conhece a Argentina como um argentino. Não como um argentino qualquer, mas como alguém muito bem informado, mesmo tendo passado a maior parte de sua vida no Brasil. Essa “dupla cidadania intelectual” lhe permite ter o grau exato de proximidade e, ao mesmo tempo, de curiosidade em relação ao tema em que decidiu mergulhar.

Seria um erro, porém, esperar deste livro a mera reconstrução de uma trajetória ao longo do tempo. O desafio do autor é que ele se propôs a ir além: expor um enigma e tentar explicá-lo. O enigma é a decadência argentina. Fabio Giambiagi rastreia essa questão desde o século XIX até a atualidade. E faz isso com um registro em dois níveis: o do relato e o analítico. É por isso que o material é, ao mesmo tempo, um livro de história e um ensaio com as principais hipóteses que tentam explicar o retrocesso do nível de coesão e bem-estar da sociedade argentina.

Giambiagi foi criado numa família de cientistas argentinos que desfrutava dos benefícios de um país que ainda oferecia a seus habitantes uma perspectiva de progresso. Essa memória familiar aparece com frequência, sugerindo que as interrogações do autor estão motivadas por uma inquietude intelectual que se sustenta sobre uma peripécia autobiográfica.

Giambiagi é um economista de prestígio, mas aqui ele exhibe outra condição que já constatamos, aqueles que o conhecemos de perto: sua grande sensibilidade política. Essas duas dimensões do processo argentino (a economia e a política) estão interligadas o tempo todo no livro. As crises econômicas explicam a instabilidade no exercício do poder — e vice-versa.

A interpretação do autor para essa dialética segue um eixo que se faz presente em cada capítulo. É como se estivéssemos diante de um drama que vai se encarnando na historicidade em cada circunstância. Esse eixo é uma pergunta: por que a Argentina se perdeu do padrão produtivo que fizera dela um país próspero? Sendo mais precisos: por que ela não conseguiu encontrar um novo padrão de produção, quando aquele que tinha gerado sua prosperidade acabou esgotado?

Fabio Giambiagi explora duas razões principais que vão e voltam o tempo todo. Uma é a enorme dificuldade da sociedade argentina para determinar quais devem ser os bens e serviços públicos e como viabilizá-los: em outras palavras, o problema da dimensão e do financiamento do Estado — a questão fiscal. A outra tem a ver com a economia observada sob o ângulo externo. Fabio apresenta as facetas sociais e econômicas de uma questão intrincada, que chama a atenção de muitos economistas. Para simplificar, a questão poderia ser apresentada da seguinte forma: os argentinos pretendem viver acima das possibilidades de fato permitidas por sua competitividade. Ou seja, eles distribuem mais do que aquilo que geram — e isso condena o país a transitar entre um colapso e outro. Esse desajuste desencadeia e mantém constantemente uma disputa distributiva, sem a qual resulta impossível explicar a dinâmica política do país.

Este livro poderia ser recomendado como um manual de história para leitores brasileiros que querem ter uma imagem do que foi a trajetória do vizinho. Ali se desenha, inexorável, um ator principal, com sua capacidade de sobrevivência sempre misteriosa: o peronismo. Esse sujeito histórico bloqueia dois desenvolvimentos possíveis: o de um empresariado competitivo e o de um sindicalismo combativo. Os capítulos expõem com clareza o DNA camaleônico desse movimento que, no apogeu da industrialização mediante a substituição de importações, organizou o Estado em favor do operariado que se incorporava ao sistema e que, na década de 1990, se desmantelou a si mesmo, com a privatização e a desregulação, voltando depois a tentar uma ordem estadocêntrica com os Néstor Kirchner e Cristina Fernández de Kirchner, porém tentando

organizar os desempregados e os trabalhadores informais — isto é, as vítimas do naufrágio de seu próprio modelo.

Fabio Giambiagi dá conta de como o peronismo gera o seu próprio antagonista, o antiperonismo, corporizado durante muito tempo nos militares. São personagens que desenvolvem um jogo impossível, dominado por uma palavra que, ao autor, como a qualquer brasileiro reflexivo, chama muito a atenção: intransigência. Todo o passado da sociedade que o autor coloca diante dos olhos do leitor está percorrido por um vetor conflitivo: o espírito de vingança.

Articulada com essa história de volatilidade no exercício do poder, avança uma reflexão polifacética acerca de uma doença da qual os argentinos não conseguimos nos curar. É uma doença crônica: a inflação. E, ligada a ela, a frustração das diversas tentativas de estabilização nas quais consumiram sua vitalidade diferentes expressões opostas ao peronismo: de Raúl Alfonsín a Mauricio Macri. Ela, a inflação, é o motor de uma tendência à qual o autor dedica muitas páginas e cuja explicação constitui talvez a maior contribuição do livro: o processo da queda de multidões de argentinos na pobreza.

É evidente que essa é a questão principal que o autor está empenhado em expor: a desfiguração de uma sociedade que, ao contrário do que ocorre na grande maioria dos países, tem mais pobres hoje do que tinha há três décadas. Esse retrocesso traumático é apresentado no livro com seu significado quantitativo e qualitativo. Não apenas aparece, muito bem explicitada em números, a aritmética da decadência. Passam também, em suas páginas, a angústia, a revolta e o desapego político da comunidade que experimenta essa queda. As reflexões sobre esse drama são a melhor contribuição desta obra. Elas compõem uma apresentação complexa, em que as palavras tentam sistematizar o fluir de um presente em pleno curso e sobre o qual emerge a ainda incerta figura de Javier Milei.

*Argentina para brasileiros* desafia uma tradição, que é o desconhecimento mútuo que separa dois vizinhos. É um livro para brasileiros, em termos práticos: fornece um vasto material de conhecimento valioso para aqueles que, desde o Brasil, querem entender a economia vizinha e ter acesso à agenda de problemas que domina a Argentina. É também um livro para brasileiros, porém, por uma mensagem tácita, no sentido de que eles podem encontrar em suas páginas um grande ensinamento referente às consequências de uma cultura política corroída pela polarização

e pela ausência de diálogo. É uma lição que pode ser providencial neste momento da história.

O filósofo Tzvetan Todorov defendeu a tese de que a conquista da América permitiu aos europeus descobrirem a si mesmos no descobrimento do outro. Este livro poderia ser posto a serviço dessa lógica. O retrato do próprio país construído sob uma perspectiva externa pode lançar uma luz inesperada sobre a imagem que uma sociedade tem acerca de si mesma. É por isso que o livro de Fabio Giambiagi deveria, também, ser lido pelos argentinos.

Buenos Aires, fevereiro de 2026.

**Carlos Pagni**  
Colunista de *La Nación*

## APRESENTAÇÃO

“HÁ QUATRO TIPOS DE PAÍSES: desenvolvidos, subdesenvolvidos, Japão e Argentina”, dizia, a modo de *boutade*, o economista Simon Kuznets, especializado em temas de crescimento econômico, nos anos em que o Japão estava para o mundo um pouco como a China esteve nas últimas décadas. De um lado, uma pequena ilha, devastada pela derrota na Segunda Guerra Mundial, que soube se reerguer e construir uma das economias mais desenvolvidas do mundo e símbolo de avanços da tecnologia. De outro lado, um dos principais enigmas da economia mundial: um país que, no começo do século XX, se encontrava, em termos relativos, entre os mais ricos (em termos de renda “per capita”) e que, ao longo do século XX, experimentou um dos casos de declínio mais impressionantes da história moderna.

Sem conhecer o Japão — que eu só visitaria algumas décadas depois — e sem ter a menor ideia acerca das teorias do crescimento, perplexo não com o Q (as quantidades) da macroeconomia e sim com o P (de nível de preços) da velha equação da renda (Y) dos livros de macroeconomia em que  $Y = P \cdot Q$ , foi o enigma desse país difícil de entender que me levou, na transição dos anos de garoto para a adolescência, aos 13 anos, a me interessar pela primeira vez pela economia. Sou de 1962 e, em 1975, quando com minha família ainda morávamos na Argentina, o país foi sacudido pelo famoso “*rodrigazo*”. Este foi uma explosão dos preços, na época em que o ministro da Economia atendia pelo nome de Celestino Rodrigo, e foi o epicentro de um fenômeno hiperinflacionário. Naquele tempo, como quase todas as crianças, eu recebia todo mês a minha mesada e ficava impressionado em ver como, no decorrer dos 30 dias que se passavam entre a entrega do dinheiro pelos meus pais e a entrega seguinte, o valor que recebia na mão, semana a semana, me permitia comprar cada vez menos figurinhas e doces, componentes naturais da “cesta de consumo” de

qualquer criança naquela Buenos Aires dos anos 1970. “¿*Qué diablos está pasando?*” foi, de certa forma, a pergunta inconsciente que eu começava a me formular para tentar entender o que era esse fenômeno que tanto atrapalhava a minha vida e a do país inteiro naquele período turbulento.

Anos depois, a minha formatura na graduação, em dezembro de 1983, já no Rio de Janeiro, coincidiu com o mês da redemocratização argentina, associada à posse do presidente Raúl Alfonsín e a uma grande efervescência familiar, pela possibilidade de meus pais — cientistas ambos e ambos cassados pelo governo do general Jorge Rafael Videla, em 1976 — retornarem a viver na Argentina. Eu me preparava então para o mestrado da Universidade Federal do Rio de Janeiro — para o qual tinha passado e onde iria ingressar um par de meses depois — imbuído do firme propósito de fazer uma tese de mestrado sobre a Argentina que, depois, me servisse, de certa forma, como “cartão de visitas” para procurar emprego no mercado de trabalho “portenho”, se minha família voltasse para Buenos Aires — e eu com eles.

“A distância mais curta entre dois pontos é uma curva vadia e delirante” é uma frase de Eça de Queiroz sobre os destinos e desígnios da vida, com seus mistérios insondáveis. Naqueles anos, eu já gostava de frases e foi ela a epígrafe da minha tese de mestrado, em 1986. A frase fazia alusão não a qualquer assunto da tese em si, e sim ao autor, porque o que em 1983 pretendia ser uma tese sobre a Argentina para poder servir de pretexto para procurar emprego em Buenos Aires, dois anos e meio depois havia virado uma tese sobre a inflação brasileira no começo da década de 1980, alteração essa ligada ao fato de que o autor — já então parte dos quadros do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social desde 1984 — tinha mudado de ideia e decidido ficar no Brasil.

Entre aquele episódio na Argentina dos anos 1970 e o início da minha vida profissional no Brasil em meados da década de 1980, ocorreram várias coisas no meio do caminho. Uma delas foi uma opção de carreira equivocada, que me levou a optar inicialmente pela sociologia. Isso, apenas para descobrir, na primeira semana de aula, que eu — com aquela empáfia típica da juventude e deixando de ouvir os sábios conselhos de meus pais, que me sugeriam que talvez não fosse o melhor caminho — havia feito uma besteira enorme. Simplesmente, optei por uma profissão acerca da qual não tinha a menor ideia, apenas pelo fato de pertencer a uma família politizada e julgar que a sociologia era o caminho natural a seguir por um garoto acostumado a ler as páginas de política dos jornais desde os 6 ou 7 anos de idade. Aquela foi uma experiência difícil — uma

semana depois já estava de novo estudando para fazer outro vestibular — mas, entre as coisas boas daquele ano passado no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), no centro do Rio de Janeiro, ficou a lembrança de um curso de filosofia, no qual, na turma, tivemos que ler José Ortega y Gasset. Não tenho, mais de quatro décadas e meia depois disso, a menor ideia de quais livros o professor nos deu como lição de casa de leitura, mas ficou, de todo o curso, aquela frase batendo na minha cabeça: “*Yo soy yo y mis circunstancias*” (“eu sou eu e minhas circunstâncias”). Bela frase, muito mais profunda do que eu imaginava à primeira vista, mas que me impactou desde o início. E, assim, as circunstâncias da vida me deixaram no Brasil — nunca voltei a viver na Argentina, mas carreguei a Argentina comigo nas décadas seguintes, até agora.

Embora depois, com o passar do tempo, tenha tido uma carreira profissional construída no Brasil, com mais de quatro décadas de vínculo com o BNDES, anos de docência na UFRJ e na PUC-RJ, intensa participação em alguns debates econômicos — particularmente nos temas de finanças públicas e Previdência Social — e mais de quarenta livros publicados, casado com brasileira e morando aqui, o fato é que uma parte da minha vida continuava ligada à Argentina. *Ubi bene, ibi patria* (“onde se está bem, aí é a pátria”), dizia Cícero já no tempo dos romanos e, mesmo muitos anos após ter saído de lá, eu continuava me sentindo em casa andando pelas ruas de Buenos Aires, pelos lagos de Bariloche ou pelas *sierras* de Córdoba. Isso, sem prejuízo de me sentir igualmente “*como Pancho por su casa*” indo à praia em Ipanema na juventude, a uma birsca tomar chopp com amigos no Bar Luiz nos primeiros tempos da vida profissional ou fazendo compras no BarraShopping, já casado.

Veio depois a internet e o hábito de acompanhar a realidade argentina — nunca abandonado, mas naturalmente mais distante em épocas analógicas — ficou mais fácil. Passei a me acostumar com o fato de que a primeira coisa que fazia ao chegar ao trabalho era dar uma olhada rápida nos três jornais mais importantes da Argentina — *Clarín*, *La Nación* e *Ámbito Financiero*. Além disso, favorecido pelo sotaque que nunca me abandonou e que, com o tempo, se incorporou à minha *persona*, como a Argentina, com sua miríade de problemas, nunca deixou de ser notícia, volta e meia eu era chamado para “palpitar” sobre o país, na TV ou nos jornais. Nos anos finais da conversibilidade da paridade de um para um do peso em relação ao dólar, havia virado “figurinha carimbada” na bancada da GloboNews, sendo convidado com frequência para dar minha impressão sobre o que estava acontecendo naqueles tempos.

Nesse período, assisti a um progressivo distanciamento do Brasil em relação à Argentina. Há várias explicações que convergiram para isso. Um fato incontestável é que o país vizinho perdeu importância relativa para o Brasil: enquanto em 1998 — antes da nossa desvalorização de 1999 — a Argentina era responsável por nada menos que 13% das nossas exportações, depois esse peso caiu para apenas 4%–5%, reflexo, em parte, da maior importância que a China adquiriu para o comércio de ambos os países — e para o mundo todo, claro.

Em segundo lugar, se nos anos 1980 Brasil e Argentina eram muito parecidos, com problemas similares de estagnação econômica, alta inflação e crise da dívida externa, com o tempo o Brasil estabilizou a sua economia e deixou o problema da dívida externa para trás, enquanto a Argentina continuou lidando durante décadas com os mesmos problemas de sempre. Para os círculos econômicos, intelectuais e acadêmicos que frequente, estar associado à Argentina era um pouco como esses processos de amadurecimento de alguém que fez muitas besteiras na adolescência e que, quando anos depois se encontra com um amigo daquela turma que ficou meio perdido na vida, tenta ser educado, mas quer encerrar logo a conversa e ir embora. O país *hermano* tinha virado uma lembrança desagradável, a imagem de um passado que, felizmente para os brasileiros, ficara para trás e do qual eles, os argentinos, não conseguiam se desvencilhar.

Finalmente, tem a política. A aproximação entre Brasil e Argentina, após o fim dos respectivos governos militares — na Argentina no final de 1983 e no Brasil quase um ano e meio depois —, deu-se num contexto de uma boa relação — a tal “química” — entre os respectivos presidentes da República. José Sarney e Raúl Alfonsín tiveram papéis com certa semelhança entre si e, cada um a seu modo, méritos importantes para deixar para trás os regimes dos quais os países estavam se afastando, tendo por isso grande afinidade pessoal. Na sequência, Fernando Collor e Carlos Menem estiveram associados, cada um também com seu estilo, à onda “neoliberal” de abertura da economia, privatização e liberalização dos anos 1990. Posteriormente, já com a reeleição aprovada em ambos os países, com governos então, na prática, mais longevos, Fernando Henrique Cardoso e o mesmo Menem, ambos homens cordiais, em que pesem suas grandes diferenças de histórias pessoais, origens ideológicas e personalidades, construíram uma relação de muita confiança, que lhes permitia “tocar de ouvido” e resolver os conflitos regionais com um simples telefonema. Depois disso, com o tempo, chegou o inverno dos

relacionamentos... Muitos anos depois, quando o peronismo — com claros vínculos com nosso PT — ocupava o poder na Argentina, Lula estava preso aqui e os então presidentes Jair Bolsonaro e Alberto Fernández se detestavam. Por sua vez, quando a situação se reverteu na Argentina, também se inverteu no Brasil e, quando Lula voltou a ocupar o Palácio do Planalto, teve que lidar com Javier Milei ocupando a Casa Rosada na Argentina, uma pessoa com quem tinha a mesma afinidade — a frase contém ironia... — que existia entre Bolsonaro e Fernández.

Isso tudo me resulta bastante deprimente, não só pelos aspectos pessoais que envolve para quem se considera, afetivamente falando, um binacional, mas pelo que implica em perda de oportunidades econômicas. Na minha atuação profissional, durante alguns anos estudei muito os temas de integração e houve uma época da vida em que escrevi vários artigos acadêmicos sobre o Mercosul. Isso se deu mais ou menos quando o processo de integração europeia estava no auge, rumo ao que foi a formação da área monetária comum representada pela adesão de um grande número de países ao euro. Lembro que, ao mesmo tempo em que, como economista, pensava sobre essas questões, fazendo turismo pela Europa com minha esposa e meu filho, impressionou-me muito o fato de que, viajando uma vez de carro da Alemanha para a Áustria, não dava para perceber onde acabava um país e começava outro, pela ausência de qualquer barreira física. Era como ir de carro do Rio até São Paulo pela Dutra. Na minha juventude, eu tinha viajado muitas vezes de férias em ônibus (dois dias de viagem...) para a Argentina e passado pelo (duplo) controle fronteiriço que separa a brasileira Uruguaiana (no RS) da argentina Paso de los Libres, na província de Corrientes, cada uma delas com suas filas quilométricas e suas horas de espera diante da pasmaceira dos agentes alfandegários. Portanto, já adulto, eu brincava com os amigos que, se um dia tivesse poder no Brasil, meu objetivo seria dinamitar a alfândega de Uruguaiana, para que fosse possível atravessar a ponte Getúlio Vargas-Agustín P. Justo, que nos une com a Argentina, sem nenhum tipo de controle, como quando se vai de carro de Fussen, na Alemanha, até Salzburg, na Áustria.

No fundo, esses processos econômicos respondem a determinações e decisões oficiais que se relacionam com questões históricas, culturais e idiossincráticas. Não há como entender a integração europeia sem compreender a influência decisiva que, para esse processo, tiveram os séculos anteriores de conflitos intestinos no interior da Europa e, particularmente, a tragédia das duas guerras mundiais do século XX, em

especial a segunda. E, se o Mercosul teve seus *golden years* 30 anos atrás, era porque refletia uma época em que muitos jovens brasileiros ouviam Mercedes Sosa ou — um pouco menos — Atahualpa Yupanqui, enquanto praticamente toda a juventude argentina adorava nossos Caetano Veloso e Gilberto Gil. Modestamente, por sua vez, na esfera estrita e restrita dos economistas, as tribos respectivas se frequentavam mutuamente. O CEMA — reduto da ortodoxia argentina — era uma referência para a FGV — na época associada ao “monetarismo”, na “nomenclatura” ideológica daqueles anos. E, num contexto no qual a “geografia política” acerca de quem era considerado de “direita” ou “esquerda” diferia da atual, o argentino Roberto Frenkel dava aulas na PUC-RJ, Mário Henrique Simonsen era muito respeitado na Argentina e o cubano, professor em Yale University, Carlos Díaz Alejandro frequentava ambas “patotas”, daqui e de lá, sendo amigo de todos. Outros tempos. Hoje, esse intercâmbio diminuiu muito. Creio que devo ter ido pelo menos cinco vezes a seminários a convite em Buenos Aires na década de 1990 e participei de “n” atividades aqui no Brasil com economistas argentinos nos mesmos anos. São contatos que se tornaram praticamente nulos nas últimas duas décadas, experiência essa que imagino deva ter sido similar à de muitos especialistas nas mais diversas áreas que faziam no passado o percurso de ida e volta Rio–Buenos Aires ou São Paulo–Buenos Aires com frequência e hoje só o fazem como turistas com as respectivas famílias.

Esse distanciamento veio acentuar uma característica que eu já notava, mesmo quando havia maior integração entre os países e entre as pessoas: certo “etnocentrismo analítico”. Ou seja, a tendência a tentar explicar a realidade alheia sob o olhar de quem olha para o próprio umbigo. Para os argentinos, por exemplo, acostumados, pela História do seu país, a pensar em termos de uma economia dolarizada, era muito difícil entender nossa realidade, na qual a vida continua mais ou menos a mesma, esteja o dólar num nível X ou 20% acima de X, uma vez que as pessoas aqui pensam em termos da própria moeda, em vez de traduzir tudo para a sua correspondente cotação na moeda norte-americana. E, analogamente, para os brasileiros era impossível entender o fenômeno do peronismo, algo que intuitivamente tenderia a ser associado ao “trabalhismo” ou ao “getulismo”, mas que, politicamente, se tratava de um fenômeno muito específico e diferente dessas nossas expressões locais.

“*Eppur si muove*” (“e, entretanto, ela se move”), teria dito Galileo Galilei para reafirmar sua crença de que era a Terra que se movimentava em torno do Sol — e não o contrário — apesar dos temores associados

ao risco de ser queimado na fogueira se não confirmasse a crença enraizada na época — de que seria o Sol a se movimentar em torno da Terra. Parodiando Galileu, poderíamos muito bem exclamar: “E, apesar de tudo, promover a integração vale a pena.” “*Recuerden que seremos vecinos para siempre*”, lembrou o então ministro da Indústria mexicano, em visita a um estado norte-americano em que se concentrava um forte reducto de oposição às negociações que conduziram ao acordo de livre comércio com os EUA em 1994 (*North American Free Trade Agreement* — NAFTA). Ou seja, independentemente das crenças e temores de cada um e dos problemas que pode acarretar o estreitamento de uma relação — valendo para qualquer aproximação, não só na esfera geopolítica, mas também entre empresas ou pessoas — é importante saber tirar vantagens do processo virtuoso que pode decorrer de um bom entendimento entre dois países de certa importância condenados a serem vizinhos (“para sempre”).

Este livro é uma tentativa de dar uma modesta contribuição nesse sentido. A Argentina continuará a ser nosso vizinho; a rivalidade futebolística entre os dois países seguirá sendo a mesma depois das aposentadorias de Lionel Messi e de Neymar; muitos argentinos continuarão vindo passar suas férias em Florianópolis ou em Armação dos Búzios; e, ainda que a intensidade disso dependa da taxa de câmbio, muitos brasileiros continuarão indo de vez em quando curtir por alguns dias, numa “escapada”, o charme — e os restaurantes! — de Buenos Aires. Neste mundo complexo em que vivemos, imagine o leitor as vantagens que adviriam de um melhor entendimento se houvesse uma chance de que os negócios fossem melhor coordenados e, em vez de ter empresas brasileiras vendendo no Brasil e empresas argentinas vendendo na Argentina, certa especialização levasse algumas delas a vender mais o produto A desde Ushuaia — no Sul argentino — até o Amazonas, no Norte; e outras empresas a vender o produto B desde o Oeste argentino, em Mendoza, até o extremo oriental nosso, na Paraíba.

Para isso, é importante que os brasileiros conheçam mais a Argentina. Esta, em que pese a antes citada perda de importância relativa, continuará a ocupar espaço na imprensa brasileira. E, para além disso, há uma pergunta que os brasileiros temos que nos fazer: dada certa trajetória do Brasil nos próximos 30 ou 40 anos, interessa a nós ter um país *hermano* que persista na estagnação relativa das últimas sete ou oito décadas? Ou é melhor ter um vizinho próspero e cuja prosperidade, por sua vez, auxilie o Brasil a crescer, as economias a se integrar e

as exportações a aumentar? Não haverá como chegar a isso sem ter um maior conhecimento do que acontece para além de nossa fronteira.

Disponho-me a fazer essa tentativa, de tentar “explicar a Argentina aos brasileiros”, por razões mais ou menos lógicas. Nasci no Brasil, mas sou filho de argentinos e fui criado na Argentina, entre os 10 meses e os 14 anos de idade. Além da origem familiar e da formação pessoal, devido a esse vínculo, li muito sobre o país, cuja realidade nunca deixei de acompanhar de perto desde que saí de Buenos Aires em 1976. E, obviamente, conheço o Brasil como qualquer pessoa que tenha vivido aqui durante décadas. Brincando com essa especificidade, costumo dizer para os amigos que sou “o único economista que torce para o Racing Club e para o Clube de Regatas do Flamengo ao mesmo tempo”.

Antes de me aventurar nessa tarefa, faço três esclarecimentos que é importante o leitor conhecer desde o início. Primeiro, esta não é uma análise sobre a Argentina vendo o país na totalidade, sobre os aspectos culturais e outras questões que transcendem os âmbitos da economia e da política. Não por julgar que são questões menos importantes, e sim apenas por não ser a pessoa mais indicada para isso, por envolver categorias analíticas que vão além da minha esfera de competência e por já serem tratadas em outros livros, com destaque, recentemente, para a abordagem competente e ampla de minha amiga Janaína Figueiredo, na publicação de 2023 da editora Globo (*¿Qué pasa, Argentina?*).

Em segundo lugar, este livro também não é, *stricto sensu*, um texto com pretensões acadêmicas em nenhum dos campos a serem abordados, que são os da História, da Política e da Economia. Se algum dos profissionais dessas áreas considerar que o livro não está à altura das obras importantes que, nesses campos específicos, foram escritas por grandes nomes de um e de outro país, humildemente sou o primeiro a reconhecer, de antemão, que a observação será correta. O livro é apenas uma tentativa de explicar um pouco da realidade argentina para os brasileiros, numa linguagem simples e acessível, e que convide o leitor, de certa forma, a ler estas páginas como uma espécie de “novela”, de modo que se sinta atraído por ela e ansioso para ir para o capítulo seguinte e entender como o “enredo” continua. E ponto. O leitor que quiser se aprofundar em alguns dos temas tratados no decorrer do livro — a história econômica argentina, o peronismo, os anos mais recentes, o governo Milei etc. — encontrará, no final, uma relação de referências bibliográficas que poderão lhe permitir complementar a leitura com uma literatura mais densa sobre alguns tópicos específicos. A única pretensão que tenho é que, ao chegar

às últimas páginas, o leitor tenha a impressão de entender um pouco melhor a Argentina do que antes de iniciar a leitura.

Por último, em terceiro lugar, um esclarecimento importante: o autor, assumidamente, não é neutro. É conhecida na Argentina a expressão *la grieta* (“a fenda”), para expressar a divisão da sociedade em dois grandes grupos, uns a favor de uma corrente e outros da oposta (passamos a ter alguma noção do que isso significa, recentemente, no Brasil...). E, já tendo esclarecido que me sinto, afetiva e culturalmente falando, um verdadeiro “binacional”, da mesma forma que na Argentina torço pelo Racing, tenho também minhas preferências políticas por lá. Nesse sentido, sou antiperonista de terceira geração: meus avós eram contra o peronismo, meus pais eram intensamente antiperonistas e posso dizer que isso está no meu DNA desde que nasci, por questões que ficarão mais claras quando o tema do peronismo for abordado no livro. O que não me impede, evidentemente, como convém a pessoas civilizadas numa sociedade democrática, de ter pleno respeito por essa corrente política e ter muitos amigos e parentes peronistas, com os quais cultivo estreitos laços de carinho. O que não significa — vale esclarecer — que, sendo crítico do peronismo, tenha simpatias por Milei, da mesma forma que criticar o PT no Brasil não pode ser entendido como militar do lado do bolsonarismo. Chegaremos, porém, ao tema de Javier Milei, no final do livro. No momento, digamos que, por enquanto, não quero dar *spoiler*.

Não quero completar esta apresentação sem fazer alguns agradecimentos. Danilo Ponciano dos Santos se encarregou de elaborar os gráficos e as tabelas que constam do livro, permitindo que eu me concentrasse na elaboração do texto e merece o devido reconhecimento. Este se estende também, por outras razões, à minha mãe, Myriam, que, com plena lucidez, do alto dos seus 88 anos, muitos dos quais passados na Argentina, me ajudou a relembrar fatos antigos, em relação aos quais minha memória falhava ou que ocorreram antes de eu nascer. Finalmente, meu velho e fraterno amigo Ricardo Chiccelli Velloso fez observações precisas que ajudaram a melhorar o último capítulo — talvez o mais difícil de todos, por ter sido escrito no calor dos acontecimentos.

A Argentina dá um filme — daí o subtítulo. Um drama, *por supuesto*. Jorge Luis Borges (um gênio da literatura e um grande frasista), certa vez, em relação a um desafeto dele que escrevera um livro que estava chamando a atenção na época, disse, com uma carga ofídica particularmente intensa, que essa pessoa “tinha criado um belo título para o seu livro, mas infelizmente depois acrescentara 300 páginas”. O título do livro que

o leitor tem em suas mãos (*Argentina para brasileiros*), dadas as circunstâncias acima explicadas, era a opção natural e creio que sintetiza o espírito da obra. Parece-me, sinceramente, ser um bom título. Espero, porém, que não se aplique ao livro a segunda parte do comentário de Borges! Pelas dúvidas, escolhi-o para a epígrafe. E, também, pelas dúvidas, em dose tríplice. Boa leitura!

Rio de Janeiro, fevereiro de 2026.

Amostra

## CAPÍTULO 1

# UMA CONVERSA EM RECIFE<sup>1</sup>

*Argentina é um país razoavelmente medíocre, para quem é muito complicado lidar com a própria mediocridade, uma vez que possui crenças muito enraizadas que a levam a supor que deveria ser algo muito melhor do que de fato é.”*

(ALEJANDRO KATZ, ENSAÍSTA ARGENTINO)

A FRASE QUE SERVE DE epígrafe a este capítulo será chave para o presente livro como um todo. Explicar a Argentina aos estrangeiros é um desafio. Janaína Figueiredo tentou isso recentemente, no livro *Hermanos: A fascinante e complexa relação entre brasileiros e argentinos*, de leitura instigante, que permite ao leitor penetrar nos mistérios (insondáveis?) de nossos *hermanos*, em um âmbito mais amplo que aquele que este livro se

---

<sup>1</sup> Ao longo do livro, muitas frases que o leitor encontrará citadas entre aspas, especialmente as mais curtas, não terão explicitadas as suas devidas fontes. A referência completa é naturalmente obrigatória quando se trata de trabalhos com perfil plenamente acadêmico, como livros dessa natureza ou *papers* publicados em *journals*. No caso do presente livro, porém, como foi explicitamente assumido na apresentação, ele não tem a pretensão de ser um trabalho de história, nem de economia, nem de ciência política e se destina apenas a permitir ao público interessado um maior conhecimento sobre as razões históricas do fracasso argentino nas últimas sete ou oito décadas. Com o fim de atingir um público mais amplo, a ideia é, então, que ele possa ser lido como uma espécie de novela, que leve o leitor, a cada capítulo, a desejar ler o seguinte, razão pela qual optamos por algumas licenciosidades literárias, para que a leitura seja fluida.

propõe a abordar.<sup>2</sup> O livro dela trata de aspectos variados da psicologia dos argentinos, dos quais a economia é apenas um dos temas em discussão, abrangendo também elementos como questões culturais variadas, o futebol, a paixão pela psicanálise etc.

Este livro tratará de questões mais específicas, restritas ao ambiente econômico, embora inevitavelmente, ao abordar o tema, será preciso necessariamente nos deter na análise de questões tanto históricas como políticas, sem as quais o entendimento dos fenômenos da economia, num país como nosso vizinho, é impossível.

No fundo, o desafio colocado é sintetizado, de certa forma, pelo escritor Marcos Aguinis, que, no seu livro *El atroz encanto de ser argentinos*, depois de definir a nação em que ele mora como “um país terrível”, pergunta-se:

“Um país que recebeu ondas de imigrantes e [se converteu] no Eldorado de meia Europa agora expulsa gente que vai embora por não conseguir emprego. Como foi possível chegar a esse ponto? Como é possível ter chegado a essa situação terrível um país cheio de riquezas, afastado dos grandes conflitos mundiais, onde praticamente não há nem terremotos nem tornados? Por que um país é terrível quando sua população não tem conflitos raciais estruturais nem sofreu de fome ou guerras devastadoras? Por que um país é terrível se é habitado por pessoas cujo nível cultural continua sendo vasto?”<sup>3</sup>

No Brasil, temos as nossas próprias frustrações. Porém, mal ou bem, para quem hoje está no “terceiro tempo” da vida, o balanço não é de todo desfavorável. Em relação à época em que a geração a que pertencemos estava ingressando na vida adulta, no começo dos anos 80 do século passado, o país passou pela redemocratização, venceu o desafio da alta inflação e implementou políticas sociais que reduziram, ainda que parcialmente, a desigualdade. Apesar das frustrações de quem, depois dos 60 anos, observa o presente e se frustra ao comparar o país que sonhou com a realidade dos dias atuais, é difícil concluir que o Brasil hoje seja pior do que aquele em que vivíamos na adolescência.

O mesmo não ocorre na Argentina, onde a sensação de estar pior que no passado é transversal a diversas gerações e a todas as classes sociais.

<sup>2</sup> Figueiredo (2023).

<sup>3</sup> Aguinis (2001), p. 9 (tradução nossa).

A sensação de fracasso coletivo é marcante — e avassaladora. O que este livro se propõe é tentar explicar ao público brasileiro como a Argentina chegou até aqui, para tentar entender melhor as raízes dessa decadência.<sup>4</sup>

Para tanto, nas próximas páginas, neste capítulo introdutório, o leitor irá passear por algumas reflexões muito preliminares acerca desse fenômeno, começando por uma síntese da expressão dessa decadência; lembrando posteriormente algumas reflexões feitas ainda nos anos 70 e que se mostrariam ainda mais válidas nas décadas posteriores; passando pelo divisor de águas na história moderna argentina, que foi o episódio hiperinflacionário de 1975; chamando a atenção para um detalhe em geral pouco considerado quando se discutem os temas relacionados à educação; colocando em discussão a dificuldade de convivência entre os diversos grupos num país marcado por tantos conflitos; e concluindo, em complemento ao começo do capítulo, com alguns números acerca da expressão concreta da decadência do país.

## A história em um gráfico

“Como é que um país tão desorganizado pode progredir?”, indagava Albert Einstein a seus interlocutores em Buenos Aires ao visitar o país há um século. Era a época em que se imaginava que, independentemente das políticas que os governos adotassem, o país estava predestinado a ser uma história de sucesso.

O que aconteceu com aquele país, exemplo de crescimento, do final do século XIX/início do século XX, e que se transformou no que talvez seja o maior exemplo de fracasso coletivo da história moderna das nações? Há um gráfico que circula muito entre os grupos de WhatsApp de economistas da Argentina e que mostra a posição do país no ranking dos países em termos de renda *per capita*, no conjunto das economias de todo o mundo. É um gráfico de uma linha no tempo, indo desde o último quarto do século XIX até os dias recentes, tendo no eixo vertical a posição da

---

<sup>4</sup> Num livro escrito há mais de 50 anos, na Argentina, país onde a educação básica se notabiliza pela exaltação dos “heróis nacionais”, com José de San Martín e Manuel Belgrano em particular, mas com um vasto conjunto de outros personagens, um garoto, já imbuído dessa sensação de fracasso nacional, pergunta a seu pai: “*Papá, si en el siglo pasado eran todos héroes, ¿qué carajo pasa ahora?*”. Mal sabia ele que o desfile de frustrações mal havia então se iniciado...

Argentina nesse ranking, originalmente com algo em torno de 150 países no mundo e hoje com um universo de nações mais próximo de 200. Ali por 1875, o país estava perto dos *top 10*, ou seja, dependendo do ano, era entre o décimo e o décimo segundo país mais rico do mundo em termos de renda *per capita* dos seus habitantes. Em 1895 e 1896, teria sido inclusive o primeiro. Em toda a primeira metade do século XX, o país permaneceu na faixa entre os países 1 e 10 dessa escala, em geral no segundo bloco desse grupo (posições 6–10), mas sempre no topo. A partir de meados do século XX, a linha cai em queda livre: com exceção de pequenos intervalos em que sobe um pouco na escala, para voltar a cair depois, nos últimos anos já havia em torno de 60 economias com uma renda média individual maior que a dos argentinos.

O esplendor do passado, tão bem representado — ainda que em outro contexto — pela letra do famoso tango “*Cuesta abajo*”, em que o personagem fala de arrastar pelo mundo “*la vergüenza de haber sido y el dolor de ya no ser*”, esse “*dolor de ya no ser*” pode ser expresso vivamente por números similares aos citados, como os da Tabela 1.1, extraídos do livro do ex-ministro Domingo Cavallo e de sua filha Sonia Cavallo sobre a economia argentina.<sup>5</sup>

**Tabela 1.1** — Comparação PIB *per capita* relativo vs. EUA

País	1870	1913
EUA	100	100
Argentina	54	72
Austrália	134	97
Brasil	29	15
Canadá	69	84
Grã-Bretanha	130	93
México	28	33

Fonte: Cavallo e Cavallo (2018), Tabela 3.1, com base em Maddison (2006).

<sup>5</sup> Cavallo e Cavallo (2018).

Na comparação entre as posições de 1870 e o ano imediatamente anterior à Primeira Guerra Mundial, nota-se que a Argentina:<sup>6</sup>

- ▶ Diminuiu rapidamente a distância que a separava dos EUA: estes tinham um produto por habitante 85% superior ao argentino em 1870 e apenas 39% superior menos de quatro décadas e meia depois.
- ▶ Melhorou a sua posição relativa em relação a outras potências atuais: se em 1870 sua renda média era 42% da britânica e 78% da canadense, em 1913 ela já era 77% da britânica e 86% da canadense.
- ▶ Igualmente, destacou-se em relação aos seus dois grandes “rivais” na América Latina: o fator de multiplicação da renda média argentina em relação à brasileira passou de 1,9 (ou seja, quase o dobro) para 4,8 entre 1870 e 2013 e, em relação à mexicana, dos mesmos 1,9 para 2,2.

Como iremos discutir depois, ao tratar do fenômeno do peronismo ou, eventualmente, dos “diversos peronismos”, é difícil não estabelecer uma certa relação causal entre essa decadência e o surgimento do movimento liderado pelo então coronel Perón no final da primeira metade do século XX. Paralelamente, porém, é importante destacar duas características marcantes que foram penetrando profundamente nas raízes da “psique” do país. A primeira, a tendência, diagnosticada pelo sociólogo Juan Carlos Torre, de existir em parte da opinião pública “uma vocação incontida pela epopeia”. Em outras palavras, enquanto outras sociedades foram, com o passar do tempo, desenvolvendo uma certa vocação para a procura de consensos — com destaque para diversos países europeus e, notadamente, os escandinavos —, na Argentina passou a ser glorificada certa épica grandiloquente associada ao conflito, frequentemente vinculada com a ideia de “derrota” do “outro lado”. A segunda característica, em parte associada à primeira, foi o surgimento do fenômeno do

---

<sup>6</sup> Comparações muito longínquas no tempo devem ser encaradas com certa cautela, porque as estatísticas mais antigas não têm a confiabilidade das historicamente mais recentes e porque, devido a essas dificuldades, autores diferentes podem dar tratamentos distintos a bases de dados aproximadas, mas servem para dar uma ideia geral, uma espécie de “sabor” das grandes tendências. Essa imprecisão pode explicar algumas eventuais inconsistências entre dados diferentes, dependendo das fontes.

“pobrismo”, ou seja, certa exaltação da pobreza como uma espécie de valor *per se*, relacionada com a noção de que enriquecer seria “errado” e necessariamente associado à “exploração” dos outros. Essa noção está presente não apenas nas correntes de matriz marxista, mas também em certas tendências da militância católica próxima dos segmentos mais marginalizados da população. Nas palavras de Loris Zanatta, professor italiano da Universidade de Bolonha e especialista na temática do populismo, “na utopia pobrista, empobrecer os ricos é mais importante que enriquecer os pobres”. Este conceito irá permear outras reflexões a serem feitas mais adiante, no decorrer da leitura deste livro.

## Uma conversa em Recife

Em 1974, eu tinha 12 anos e as coisas na Argentina estavam começando a ficar muito complicadas. Perón já tinha falecido; a sua sucessora — sua esposa Isabelita — estava se revelando de uma inépcia assustadora; a desorganização econômica se acentuava; a guerrilha dos Montoneros, de inspiração peronista, e, em menor medida, do Exército Revolucionário do Povo (ERP), de inspiração marxista, era parte da realidade política do país; estavam surgindo os grupos paramilitares de ultradireita compostos de verdadeiros assassinos; e o fantasma de um novo golpe militar, como os que eram tão comuns na América Latina nas décadas de 1960 e 1970, começava a fazer parte das conversas cotidianas.

Nessas circunstâncias e temendo, com realismo, a possibilidade de ter que ir embora do país se a situação piorasse mais ainda, meus pais começaram a articular uma estratégia para migrar, algo nada trivial ao se ter uma família com três filhos — eu tinha duas irmãs menores. Assim, como forma de preparar o terreno, checar possibilidades e preparar as crianças para o que poderia acontecer, eles aceitaram um convite para passar o verão do fim de 1974/primeiro trimestre de 1975 em Recife, dando aulas em cursos especiais da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Meus pais eram ambos cientistas: meu pai era químico e minha mãe, física, e trabalhavam no campo da pesquisa em temas de físico-química (a maior parte da produção científica de *papers* acadêmicos de ambos era assinada em coautoria Giambiagi-Giambiagi).

Ao chegar a Recife, era natural que, por maior que fosse a intenção dos meus pais de conhecer a sociedade local — o que acabou acontecendo

—, acabassem formando uma microcomunidade de argentinos, na longínqua Recife de 1975. Minha família era muito politizada; política e atualidade econômica eram assunto da conversa na mesa de jantar diariamente e eu, no meu canto, estava acostumado a ouvir essas conversas dos adultos, tentando “pescar” a lógica do que era falado.

Enquanto isso, na Argentina, ao mesmo tempo em que passávamos meses muito tranquilos na Recife daquela época, entre dezembro de 1974 e março de 1975, a realidade do país se deteriorava dia após dia. Se, em meados de 1974, a inflação em 12 meses estava em torno de 12%, a taxa acumulada em 12 meses fecharia o primeiro trimestre de 1975 em 68%. O “¿Qué pasa?”, expresso com perplexidade, era assunto obrigatório da conversa entre duas famílias argentinas quando se encontravam para almoçar ou jantar.

Lembro, nesse contexto, de uma conversa de meus pais com um colega, cientista e também argentino, da área deles, em que ele tentava explicar a um amigo brasileiro as razões da decadência argentina. Eu mal havia entrado na minha segunda década de vida e, afinal de contas, já se passaram mais de 50 anos desde aquela conversa, de modo que não garanto a fidelidade plena ao que foi dito pelo amigo de meus pais. Palavras mais, palavras menos, porém, o que ele explicou ao amigo brasileiro foi mais ou menos o seguinte: “Quando você tem uma população pobre e todo mundo faz progressos, num país que cresce, em maior ou menor medida, todos ficam satisfeitos, porque toda a população percebe que está melhorando de vida. Porém, quando você tem uma população com níveis elevados de educação, que sente que ganha menos do que deveria, surgem conflitos que fazem com que, se alguém quiser ganhar mais, outro terá que ganhar menos, e esses conflitos tendem a se intensificar com o passar do tempo.”

Começava a se definir, com todos os seus contornos, o que o jornalista Carlos Pagni com frequência descreve como “uma economia subsidiada, isolacionista e estadocêntrica”, em que os níveis de renda de grupos muito importantes na sociedade dependem não da sua competência individual, e sim da sua posição relativa *vis-à-vis* os círculos do poder: um salário estatal aqui, um emprego público lá, uma isenção tributária para uma empresa acolá etc. Em outras palavras, uma economia na qual as rendas de cada um dependem não da “mão invisível” do mercado, e sim da “mão visível” do Estado. Nisso que muitos passaram a definir como “puja distributiva” (luta distributiva), capturar rendas passou a ser mais importante que gerá-las. O antigo país criado pelos imigrantes nas

últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX, baseado no esforço individual desses pioneiros, foi aos poucos se dissipando, e o fator educacional foi perdendo força como determinante da renda de cada um. Se ter níveis elevados de educação é um diferencial num país que progride, isso tornou-se cada vez mais um fator de frustração num país estagnado, quando não andando em marcha a ré.

Fechamos esta seção com outra frase do mesmo autor da epígrafe do capítulo e que, por assim dizer, “dialoga” tanto com a epígrafe como com a reflexão do amigo de meus pais naquela conversa de 1975. Diz o ensaísta argentino Alejandro Katz que “os atores coletivos da Argentina julgam que merecem mais do que têm, o que coloca o país numa situação de estresse permanente, pelo fato de que aquilo que ele produz não satisfaz as expectativas coletivas. Isso orienta práticas predatórias, para captar parte da renda de outros setores ou parte da riqueza futura”. Uma hiperinflação, no limite, é a expressão máxima da exacerbação desse conflito.

### O “rodrigazo”

O sociólogo Juan Carlos Torre, cujas reflexões aparecerão mais de uma vez no presente livro, dizia acerca desse conflito distributivo que “na Argentina há uma disputa distributiva que faz com que a sociedade pareça marchar como um zumbi rumo à sua própria destruição”. Em 1975, teve-se uma percepção palpável disso, no episódio conhecido como “rodrigazo”, em função do choque de preços causado pelo então ministro da Economia, Celestino Rodrigo, um personagem folclórico que, no dia da sua posse, viajou para a Casa Rosada de metrô, para a foto sair publicada em todos os jornais, como expressão de ser “alguém do povo”. O episódio divide a historiografia econômica argentina em um antes e um depois do ano de 1975. Ao tomar posse, no dia 2 de junho de 1975, ele concluiu seu discurso com uma frase profética: “*Mañana me matan o mañana empezamos a hacer las cosas bien*”. Esteve perto de conseguir o primeiro dos desfechos: um mês e meio depois, no dia 17 de julho do mesmo ano, tomava posse seu sucessor.

Esse episódio, inconscientemente, anos depois, foi o que me levaria a escolher a profissão de economista, tal o impacto que teve naquele menino de 13 anos que eu era. A história, a rigor, começa dois anos antes, quando o peronismo volta ao poder e José Ber Gelbard assume a

condução do Ministério da Economia, em maio de 1973, lugar onde ficaria durante um ano e meio. Seu plano se chamou “Plano 0”, ou seja, o objetivo era simplesmente que os preços fossem estáveis (inflação zero). Como se sabe desde a Antiguidade, quando os preços são artificialmente congelados, os produtos começam a faltar. Na sequência, cria-se um mercado clandestino, os produtos aumentam de preço à revelia do que deseja o governo etc. Um clássico. Aqui tivemos uma certa amostra disso com nosso Plano Cruzado, tempos depois, em 1986. Nos meses de junho e julho de 1973 e janeiro de 1974 houve deflação, mas, com o passar dos meses, o plano começou a fazer água por todos os lados e o ministro acabou caindo. Nessa altura, Perón tinha morrido em julho de 1974 e o país estava em mãos de sua esposa e sucessora, Isabelita Perón, numa situação completamente caótica. No final de 1974, a inflação anual era de 40%.

O ano de 1975 se iniciou com uma inflação mensal, em janeiro, algo inferior a 3%, mas as pressões foram escalando e as distorções de preços, no contexto em que alguns produtos estavam artificialmente controlados e outros completamente descontrolados, foram se acentuando. Quando Celestino Rodrigo assumiu, ele decretou um aumento súbito de 150% da taxa de câmbio oficial, de 100% do preço de diversos serviços públicos básicos e dos transportes e de 180% da gasolina. O impacto não demorou a aparecer em cheio no Índice de Preços ao Consumidor (IPC): a inflação mensal, que em maio havia sido de pouco menos de 4%, escalou para 21% em junho e chegou a 35% em julho. Na esteira disso, a inflação em 12 meses em dezembro já era de 335% e continuou aumentando até o pico de 778% em maio de 1976, quando o país já tinha caído nas mãos dos militares.

Em 1973, eu fiz 11 anos. Aos 14 anos, saí da Argentina com minha família, mas meus colegas de turma na escola, com a mesma idade que eu tinha, nos 10 anos seguintes, até 1983, assistiriam, entre 1973 e 1983, na transição da infância para a vida adulta:

- ▶ a transição de um governo militar para um civil, em 1973;
- ▶ um congelamento rígido de preços, em 1973/1974;
- ▶ uma hiperinflação, em 1975/1976;
- ▶ o retorno dos militares ao poder com o golpe de 1976;
- ▶ a tragédia dos 10 mil desaparecidos;
- ▶ uma guerra (das Malvinas); e
- ▶ a redemocratização de 1983.

Por isso, quando uma vez perguntaram ao economista Juan Carlos de Pablo, conhecido por suas tiradas irônicas e que aparecerá outras vezes também neste livro, o que aconteceria com o país nos 10 anos seguintes, a resposta dele foi uma típica “argentinada”, mas bem representativa e realista do que se poderia esperar que acontecesse:

— Tudo.

## Um país (de) frustrado(s)

“A Argentina é um país de gênios encarcerados”, diz o dublê de escritor e jornalista peruano Jaime Bayly, um admirador confesso do país, da literatura e da cultura argentinas. E, de fato, a quantidade de argentinos bem-sucedidos espalhados pelo mundo impressiona. Gente com nível de graduação, mestrado ou doutorado que não conseguia florescer na Argentina e teve sucesso no exterior. Há portenhos triunfando como economistas em Wall Street, arquitetos bonaerenses (da província de Buenos Aires) criando casas em Barcelona, cordobeses gerenciando restaurantes badalados em Milão, rosarinos donos de empresas de transporte na Nova Zelândia etc. O Brasil passou a conhecer esse fenômeno da emigração, mas, num país muito desigual — onde a maioria das pessoas não pode ir ao exterior —, é algo recente e que afeta uma proporção pequena da população como um todo. Na Argentina, é um fenômeno antigo e, num país que foi majoritariamente de classe média, é muito mais representativo, estatisticamente falando. Um país de imigrantes hoje exporta gente — e qualificada.

Pensemos concretamente no que significa a situação associada à reflexão de Alejandro Katz, antes mencionada. Imaginemos um balconista no Brasil, Pedro Silva. Ganha, digamos, R\$ 2.500 por mês numa loja do interior. Vinte e cinco anos de idade. Completou, aos trancos e barrancos, o ensino médio, de baixa qualidade. Vida tranquila, aspirações não muito ambiciosas, custo de vida inferior ao das grandes cidades. Faz um curso técnico para poder realizar alguns trabalhos. Sua aspiração é poder melhorar de vida e, alguns anos depois, conseguir ter uma renda da ordem de R\$ 3.500 a R\$ 4.000 por mês, para casar com a moça que namora há dois anos. Com o país crescendo entre 2% e 3% ao ano, tem aumentos reais entre 1% e 2% a cada ano. Quando seu Atlético, o “Galo Mineiro”,

vence, não cabe em si de alegria. A vida não tem grande glamour, mas também não reclama muito. A seu modo, é feliz.

Consideremos agora em Gonzalo Bassani, engenheiro argentino. Trinta e cinco anos de idade em 2025. Nascido no ano de 1990. Pouco depois, em 1991, o dólar da convertibilidade passou a valer um peso. Hoje, vale mais de 1.000 pesos. Nesse período, que imagina ser um pouco mais de um terço da sua vida, assistiu:

- ▶ o auge da conversibilidade;
- ▶ o fim da paridade de um para um do peso com o dólar;
- ▶ um “*corralito*” (confiscação bancária);
- ▶ a mega-recessão do começo do século;
- ▶ três “calotes” da dívida externa; e
- ▶ pelo menos quatro grandes surtos de explosão inflacionária (antes da convertibilidade em 1990, em 2002, em 2018/2019 com Macri e em 2022–2023 com Alberto Fernández).

Continuemos com Gonzalo. Seu “nonno” veio da Itália num passado distante, com “uma mão na frente e outra atrás”. Sem nada, o que significava também sem instrução. Com muito esforço e tempo de dedicação ao trabalho, o pai de seu pai cresceu, comprou uma casinha, casou com a mãe de seu pai, tiveram três filhos, progrediram, montou um negócio e dois dos seus três filhos (incluindo o pai de Gonzalo) se formaram na universidade. Na geração seguinte, ele, Gonzalo, estudou engenharia e conseguiu se formar como engenheiro civil na prestigiosa Universidade de Buenos Aires (UBA). Seus pais contam que, na primeira década do século, as coisas iam bem, no que a economia definiu como a era do boom das commodities, mas, após se formar, no começo da década de 2010, nos 15 anos seguintes deu um grande azar, pois o país foi “ladeira abaixo”. No período de 2011 a 2025, o PIB encolheu em 8 anos. Quando era contratado em alguma empresa, durava apenas um ou dois anos no emprego, pois, na primeira crise, era logo dispensado, por contenção de custos. Imbuído do otimismo dos anos anteriores, casou cedo, ao se formar pouco depois dos 20 anos, com a namoradina dos tempos do ensino médio. Hoje, tem dois filhos. O contraste entre a vida do avô imigrante, que não tinha instrução, mas conseguiu progredir na vida, e a do neto engenheiro estagnado não poderia ser mais brutal. Após alguns anos, sua *expertise* foi se deteriorando. Já nem consegue lembrar das aulas de cálculo estrutural.